

O TESTAMENTO DO SR. NAPUMOCENO: LINGUAGEM E EFEITOS DE SENTIDO

MARCELO ANTONIO RIBAS HAUCK*
MIREILLE PACHECO FRANÇA COSTA**
MARIA ODETE DA C. SEMEDO***

* Doutorando pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas.

** Mestra pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas.

*** Doutora pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas.

Resumo

Pretendemos “olhar” **O testamento do Sr. Napumoceno** como expressão da memória de um país e de seu povo, determo-nos sobre a crítica social e política às ilhas de Cabo Verde nos primórdios da independência e abordarmos como Germano Almeida usa o humor, a mordacidade e a sátira como formas de denúncia de uma suposta hipocrisia, explorando, no texto, sua perspectiva rizomática. Nessa linha, observar o ardid utilizado pelo escritor para viajar ao passado, principalmente à infância, far-se-á relevante destacar quem fala nessa história, sob a perspectiva Bakhtiniana. A linguagem do dia a dia, simples, por vezes despuorada e permissiva e as várias vozes e ações assumidas pelo narrador de Germano Almeida são o “barco” que faz o leitor viajar por diferentes espaços de Cabo Verde. Por isso, a linguagem e as vozes são abordadas do ponto de vista do narrador: um narrador polifônico que chega a se confundir com os personagens.

Palavras-chave: Memória; Literatura cabo-verdiana; Bakhtin; Germano Almeida; Rizoma.

Antes de adentrarmos em nossa análise propriamente dita, faz-se necessário apontarmos alguns esclarecimentos acerca do presente texto. Primeiro, vale dizer que trata-se de um fragmento de um texto bem mais extenso, intitulado “O testamento/memória e a crítica social”, escrito como trabalho final para uma disciplina de Literaturas africanas cursada no início de 2008, na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas. Tomando a conhecida questão dos rizomas, proposta por Deleuze e Gattari, por questão de espaço – o texto original possuía mais de 30 páginas –, apenas um dos fios rizomáticos do trabalho original será aqui publicado. Em segundo lugar, hoje pensamos, em relação a algumas decisões analíticas tomadas à época, de maneira diferente. Entretanto, optamos por manter esse fragmento o mais próximo possível do produzido originalmente, pois reflete nossa maturidade intelectual no referido momento. Como acreditamos na

abordagem analítica como um processo, optamos por não interferir nas conclusões outrora definidas. A linguagem utilizada na tessitura do trabalho pode soar um tanto coloquial em se tratando de um trabalho acadêmico e poderíamos, na reescrita para a apresentação do IV Encontro de professores de Literaturas africanas de língua portuguesa, tê-la reestruturado, porém, como já mencionado, procuramos manter o teor da escrita do trabalho antes produzido e, além disso, acreditamos ser uma linguagem adequada à análise de um texto que usa como ferramenta literária, entre outras, um campo lexical e sintático mais próximo do que poderíamos chamar de coloquial, tornando verossímil a coloquialidade da linguagem de nosso trabalho.

Ao ler essa obra, sentimos um desconcerto, um estranhamento proveniente da linguagem e do próprio enredo e percebemos um tom de humor crítico que perpassa toda a narrativa, baseada na memória do protagonista. Deparamo-nos com fragmentações e lacunas, através das quais é possível apreender a ordem dos acontecimentos sem maior esforço.

O eixo da narrativa é constituído pelo discurso temático do Sr. Napumoceno, porém há outras vozes. Vozes que se confundem com a do narrador em terceira pessoa e com as de outros personagens que figuram na vida do protagonista. A linguagem utilizada remete-nos à do dia a dia, simples e, muitas vezes, bastante coloquial, em camadas. As várias vozes e ações assumidas pelo narrador de Germano Almeida são o “barco” que faz o leitor viajar pelos vários e diferentes espaços de Cabo Verde, tornando-se uma das fontes de riqueza dessa narrativa.

Apesar das semelhanças entre o português de Cabo Verde e o do Brasil, observamos no texto, particularidades próprias do português utilizado no arquipélago. Por isso, grande parte desses termos são elucidados em um glossário no fim do livro. São termos que se apresentam nublados para quem não é daquele lado do Atlântico, provocando um estranhamento que impulsiona o leitor a percorrer os caminhos dessa narrativa. E podemos conjecturar que essa interferência linguística deve-se ao fato de Germano Almeida ser de um país bilíngue, em que a maioria da população tem como língua materna o crioulo cabo-verdiano. Assim, o autor utiliza outra língua, que não seria a sua língua materna e insere termos de sua cultura, provocando transgressão e subversão. Vale ressaltar que tal transgressão ocorre tanto no nível do enunciado quanto no da enunciação.

Podemos depreender que **O testamento do Sr. Napumoceno** se configuraria como um palimpsesto, pois, entre outras, encontramos na obra algumas referências a trechos bíblicos; uma epifania da infância e um movimento com relação à memória; um olhar para traz. Sabe-se, porém, que tal gesto será sempre lacunar, restos de imagens que se configuram em metáforas. Sendo assim, é como se a linguagem assumisse o papel de portadora da identidade e da história de um povo, ainda que de forma fragmentada.

O recordar, visto como um movimento de olhar para traz, não consegue apreender, de forma totalizante, esse passado. Pois, ao relatarmos o que já sucedeu, acrescentamos, retiramos e modificamos o ocorrido

através de nosso discurso, portanto, não se pode ter certeza da veracidade de alguns fatos. E isso fica claro na construção narrativa de Almeida quando:

Maria da Graça empreendeu ela mesma vasculhar até descobrir o paradeiro do amor de seu pai ou concluir em definitivo que Adélia existira senão na imaginação do velho. Porque, sobretudo o terceiro caderno lhe parecia algo exótico e estaria tentada a admitir uma mistificação se não fosse a afirmação no testamento. (ALMEIDA, 1996, p.112).¹

Todas as citações dessa obra foram extraídas da mesma edição e doravante serão assinaladas, apenas, pelo número de página.

A linguagem do livro é simples, contudo marcada por uma ironia primorosa, pois o autor, ao relatar as experiências do Sr. Napumoceno da Silva Araújo no papel de imigrante e desenhá-lo como um exemplo do homem cabo-verdiano, engendra, de forma habilidosa, sua crítica social e política à situação vivenciada em Cabo Verde no período de transição de colônia para país independente e é justamente nesse tempo que o protagonista da história começa a redigir o que mais tarde seria seu testamento.

Refletindo acerca do lugar da língua materna, do poder da linguagem, constatamos que, ao se apropriar da língua portuguesa, Germano Almeida expropria essa língua, ou seja, esse idioma perde o seu lugar determinado, efetuando uma espécie de junção das duas línguas. E, ao menos no texto literário, as duas línguas se enriquecem, assumem um novo lugar, ou até mesmo um não lugar/entre-lugar. Ao pensarmos sobre esse lugar, rememoramos as considerações feitas pelo poeta angolano Ruy Duarte de Carvalho:

Que se constrói? Um texto ou um percurso? A intenção de um lado, resposta vaga, moral herdada. Do outro lado o curso da palavra, da resposta, o som e o gesto seguidos de um ao outro (...). Há um lugar que invade outro lugar e esse lugar estará sempre presente noutro. Não há lugar achado sem lugar perdido. (CARVALHO, 1988, p. 10)

O poder da palavra é algo tão explícito no romance que o próprio Sr. Napumoceno chega a afirmar que suas palavras lhe causavam mal-estar e impaciência porque elas o desnudavam diante de si próprio. As palavras são expressas no português cabo-verdiano, um português com mesclas do crioulo dessas ilhas. Podemos salientar palavras que exemplificam a introdução de termos desse crioulo-caboverdiano no texto, tais como: aldrabão, chalado, cheché, tugúrio etc.

O protagonista principal da obra em análise veio da ilha de São Nicolau tentar fazer a vida em São Vicente, outra ilha do arquipélago, e conseguiu o seu intento no próprio país, embora fora do seu local. E o Sr. Napumoceno retornaria à sua terra natal somente uma única vez, a passeio, e com o intuito de se curar de uma relação amorosa que não teve um desfecho feliz. Esse retorno à terra materna, à infância, obviamente, não é gratuito, uma vez que estabelece relação direta com o amor vivido com outra personagem, Adélia. O Sr. Napumoceno, como ele mesmo relata, via sua amada Adélia de forma “pura, casta e santa” (p. 93), entretanto, sabia que aquele amor não era inocente, mas, ao

mesmo tempo, nada tinha de carnal. No princípio do relacionamento, ele não a via como mulher. Segundo anotações em seus cadernos, nunca lhe ocorreu beijá-la, quanto mais ter relações sexuais com ela, como nos conta o narrador: “mas a verdade é que nunca a tocara com um dedo afora aquele cumprimento do primeiro dia, porque diante dela ele era um menino que receava falar para não assustar seu passarinho.” (p. 93-94).

Essa forma idealizada de ver Adélia, como se fosse algo sagrado, intocável, nos remete à ideia de que, no imaginário ou no inconsciente de Napumoceno, ela poderia representar a figura de sua mãe: alguém que o acolhe, que lhe dá carinho. E para não esquecê-la, inconscientemente ou não, decidiu justamente procurar minar esse amor em sua terra natal, em sua terra mãe, a terra onde nasceu, onde passou a infância e que tem registros memoriais de toda a sua história. É como ir ao encontro de algo que possa suprir ou que possa auxiliar a resgatar traços, fatos e marcas de um passado. Vale ressaltar que, para ele, Adélia foi o único amor de sua vida, a única mulher com quem se envolveu mais detidamente, como se essa mulher lhe tivesse dado vida, operando uma espécie de aproximação entre Adélia e a mãe biológica do protagonista do romance.

Posteriormente, o relacionamento de Adélia com o Sr. Napumoceno não se restringia mais a um afeto, a um olhar casto. Eles tiveram relação sexual e, com isso, ela deixou de ser a representação da mãe do protagonista e esse sentimento o deixou confuso, como se pode constatar pelo excerto do texto a seguir: “quando todo o recato e acanhamento já desaparecera e ele apenas já se esforçava para ser um grande macho e desse modo esquecer a quase tragédia da primeira noite porque ela já ofegava e ele apenas via nhá Bárbara, a mãe rindo.” (p. 98). Ou seja, por um período, ela representou a figura materna para ele. Porém, mesmo com esse sentimento, o Sr. Napumoceno amava Adélia. Ela lhe dava prazer, o fascinava e o enchia de desejo, como uma obsessão. No entanto, se nos lembrarmos de Barthes, é possível ver refletida na relação de Napumoceno com Adélia, o fantasma de um outro corpo encarnado na língua:

Nenhum objeto está em relação constante com o prazer (Lacan, a propósito de Sade). Entretanto, para o escritor, esse objeto existe; não é a linguagem, é a língua, a língua materna. O escritor é alguém que brinca com o corpo da mãe (remeto a Playnet, sobre Laautréamont e sobre Matisse): para o glorificar, para o embelezar ou para o despedaçar, para o levar ao limite daquilo que, do corpo, pode ser reconhecido, eu iria ao ponto de desfrutar de uma desfiguração da língua. (BARTHES, 2004, p. 44).

É isso que Germano Almeida parece fazer. Mantém essa relação de prazer com a língua materna, por isso promove uma desfiguração da língua portuguesa ao introduzir termos e construções específicas de sua cultura. O autor possibilita inúmeras leituras de sua obra, com a utilização, por exemplo, de metáforas e de metonímias, de polifonia, de intertextos, de polissemia e de deslocamento da língua materna.

Após o término do relacionamento amoroso, Napumoceno ainda suplicou que Adélia não o abandonasse, mas preferiu fingir que não sen-

tia sua ausência. Diante da indiferença, ele “voltou à sua infância e lembrou-se de um lugar chamado Ribeira da Prata que ele não via há mais de 30 anos.” (p. 100).

Por todas as questões levantadas, pensamos que Adélia pode ser interpretada, nesse romance, como uma metáfora da palavra, uma vez que foi após o desfecho do relacionamento entre os dois que o Sr. Napumoceno começou a escrever. Seria talvez uma forma de deslocamento ou de necessidade de registrar o que se viveu para se ter a impressão de que se continua vivendo aquilo que já não se pode ter. Logo, não possuir Adélia é uma forma de castração (o não exercício do prazer); não escrever seria uma forma de castração, de não deixar um legado, uma história, de não marcar um período, seria uma forma de mutilação, por isso é preciso registrar uma memória.

Em determinada parte da narrativa, há um reencontro entre Adélia e Napumoceno, após o retorno de sua terra natal. Nesse momento, Adélia já havia sido possuída por outro homem, e foi justamente por causa desse outro homem que ela abandonou o Sr. Napumoceno. Quando ocorre o reencontro, ela afirma estar livre e diz que quer o Sr. Napumoceno, porém foi a vez dele recusá-la:

foi como se tivessem arrancado um pedaço de mim porque eu acordava de noite e procurava a minha gazela, o pedaço que me faltava, mas ele não estava comigo, tinha fugido de mim e busquei-o sem o encontrar e desesperei de o encontrar e obriguei-me a viver sem ele. E agora que ele aparece sinto que já não se ajusta a mim porque outras mãos o tocaram, o manipularam e ele deixou de ser o meu pedaço e por isso já não o quero. Mas eu estou aqui, disse Adélia, eu sou a mesma pessoa (...). Mas ele abanava a cabeça: És outra, já não és a mesma. (p. 105).

É como se Adélia tivesse sido contaminada; não mais pertencia a ele. Reiteramos a metáfora corpo-texto. A figura de Adélia apropria-se de vários significados no romance por assumir esse papel: metáfora da palavra, da mãe, da infância, da terra materna.

A obra **O testamento do Sr. Napumoceno** é entrecortada também pela subjetividade dos personagens, uma vez que o autor permite que outras vozes, outros discursos, apareçam na narrativa como faz, por exemplo, com Adélia, permitindo que relate, à sua maneira, o que viveu com o Sr. Napumoceno. Para ela, foi deixado de herança o livro **Só**, de autoria de Antônio Nobre.

É possível observar referências a trechos da bíblia: “por que de que vale o homem ganhar todas as riquezas do mundo se perder a sua alma?” (p. 48) e ainda outro que faz referência a Salomão. São marcas da polifonia, assim como é a voz presente no trecho a seguir:

Evidente que o Sr. Napumoceno não era homem para falar no seu testamento com tanto espanto, tendo-se limitado neste particular a dizer que a Maria da Graça fora feita encostados à secretária, a mãe sempre de saia verde. E sem a preocupação da Graça em conhecer toda a sua origem, este ponto ficaria sempre obscuro. (p. 66).

O Sr. Napumoceno da Silva Araújo, da mesma forma que alguns imigrantes, conseguiu realizar seu sonho de fazer fortuna na terra desconhecida, conquistando não apenas bens materiais, mas assegurando seu lugar na sociedade, obtendo um lugar de prestígio. Alguns trechos de sua vida só chegam a ser conhecidos após a leitura do testamento. Américo Fonseca diz:

nenhum homem poderá alguma vez pretender conhecer outro em toda a extensão e profundidade de seu mistério. Porque quem na verdade sonhou que Napumoceno da Silva Araújo poderia ser capaz de aproveitar as idas da sua mulher da limpeza ao escritório e entrar de amores com ela pelos cantos da divisão e por cima da secretária, ao ponto de chegar ao preciosismo de lhe fazer um filho, melhor dizendo uma filha, em cima do tampo de vidro. (p. 14).

Ao escrever o testamento, sua vida era reescrita e, segundo o notário, aquilo não era um testamento, e sim, um livro de memórias.

Há detalhes da sua vivência, descrições das Ilhas de São Nicolau e São Vicente, uma breve análise acerca do povo daquele local. Napumoceno afirma que, devido à colonização e às difíceis condições naturais, muitos emigravam entre ilhas, como ele mesmo fez, à procura de trabalho e melhores condições de vida. Contudo, aponta as consequências dessas posturas, como a miscigenação: “para sobreviver, são obrigadas a miscigenar diferentes culturas regionais com o consequente prejuízo de nenhuma delas ser suficientemente majoritária para se impor (...) E a consequência de tudo isto é na verdade de o homem de São Vicente ser o mais inautêntico de Cabo Verde”. (p. 131-132). Essas referências a falta de uma tradição ancestral ligada à terra, a inautenticidade do homem de São Vicente evocadas pelo autor são, de certa forma, o desenho de uma identidade em construção.

Germano Almeida aborda a falta de identidade ocasionada pela colonização, critica questões políticas, a guerra pela independência e nos diverte com o consumo desenfreado do Sr. Napumoceno por novas tecnologias oriundas dos Estados Unidos da América.

Alguns dos traços desse romance são o humor com que o autor banha a abordagem dos problemas de Cabo Verde, a crítica social e política. Em capítulos sem títulos, em um texto em muitos momentos construído por parágrafos longos – e que vão até três páginas – o autor oferece-nos momentos de leitura ofegante, de reflexão política e metalinguística, em um texto que prima pela possibilidade de múltiplas abordagens.

ABSTRACT

We intend to analyse the book *O Testamento do Sr. Napumoceno* as an expression of the memory of a country and its people. We will focus on the social and political criticism during the early days of independence of Cape Verde Islands. We see how Germano Almeida

uses humour, sarcasm and satire as forms of denouncement of an alleged hypocrisy, exploring, in the text, its rhizomatic perspective. In this perspective we see the artifice used by the writer to travel to the past; the childhood it is relevant to highlight the voice in this history, according to a Bakhtinian perspective. Everyday language, sometimes shameless and permissive, is assimilated by Germano Almeida's narrator. Various voices and actions are the "boat" that makes the reader travel throughout different spaces of Cape Verde. Therefore, the language and the voices are approached in the narrator's point of view: a polyphonic narrator that can be confused with the characters.

Keywords: Memory; Cape Verde literature; Bakhtin; Germano Almeida; Rhizome.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Germano. **O testamento do Sr. Napumoceno**. São Paulo: Editora Schwarcz, 1996.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: Ed. Unesp, 2002.
- CARVALHO, Ruy Duarte. **Hábito da terra**. Porto/Luanda: Edições Asa/ União dos escritores angolanos, 1998.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia**. v. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.